

Hacking/Making/Upcycling: o papel das tecnologias digitais no empenho da visibilização e organização de projetos sociais de mulheres que reaproveitam resíduos têxteis

Hacking/Making/Upcycling: the role of digital technologies in the commitment to raising awareness and organizing social projects by women who reuse textile waste

Lucilene Mizue Hidaka¹

¹Universidade de São Paulo (FAUD/USP), Doutoranda em Design, luchidaka@usp.br

Resumo

Minha pesquisa de doutorado investiga, por meio de uma abordagem qualitativa e lentes interseccionais, coletivos de mulheres que utilizam a costura e o reaproveitamento de resíduos têxteis como estratégias de geração de renda, promoção da sustentabilidade e resistência sociopolítica. O estudo analisa criticamente as estruturas do patriarcado, do capitalismo e do colonialismo, que historicamente se fundamentam na exploração do trabalho não remunerado das mulheres. Acorando-se no conceito de "hacking/making feminista", este trabalho reposiciona as práticas manuais têxteis como formas de hacktivismo, ao examinar como e se esses grupos se valem de tecnologias digitais e constroem modelos de gestão coletiva (os comuns) para enfrentar opressões e administrar o tempo fragmentado pelas demandas do trabalho de cuidado.

Palavras-chaves: Histórias das Mulheres. *Hackers*. Reprodução Social. *Upcycling*.

Abstract

My doctoral research investigates, through a qualitative approach and intersectional lenses, collectives of women who use sewing and the repurposing of textile waste as strategies for income generation, the promotion of sustainability, and sociopolitical resistance. The study offers a critical analysis of the structures of patriarchy, capitalism, and colonialism, which are historically founded on the exploitation of women's unpaid labor. Anchored in the concept of "feminist hacking/making," this work reframes these textile manual practices as forms of hacktivism by examining how—and whether—these groups make use of digital technologies and build models



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir

DDD 98
Diálogos Doutoriais em Design



of collective management (the commons) to confront oppression and manage time fragmented by the demands of care work.

Keywords: *Women's Stories. Hackers. Social Reproduction. Upcycling.*

Sou doutoranda em Design pela Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo (com bolsa CNPq). Mestre em Têxtil e Moda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (com bolsa Capes). Graduada em Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp/Bauru. Licenciada em Artes Visuais pela UniBF. Possuo mais de 20 anos de experiência como designer gráfica/digital e diretora de arte em grandes agências de publicidade. Atualmente, atuo como docente na graduação do Instituto Europeo di Design, ministrando as disciplinas “Sistemas Sustentáveis” e “Linguagem Visual” para as turmas de Design Gráfico/Digital, Design de Produto/Serviços e Design de Moda. Também leciono as disciplinas “Moda e Desenvolvimento Sustentável” e “Moda e Impactos Socioambientais” na pós-graduação em “Moda e Sustentabilidade”, do Centro Universitário Belas Artes. Integro os grupos de pesquisa MODATA - Moda e Dataficação (EACH/USP) e NOAH - Núcleo Habitat Sem Fronteiras (FAUD/USP). Desenvolvo trabalhos de upcycling com calças jeans e alfaiataria pós-consumo, além de facilitar cursos, oficinas e palestras sobre o tema. Participo do coletivo “Upcycling é Resistência” e atuo como educadora popular em projetos sociais para mulheres, ensinando costura, upcycling e reaproveitamento de resíduos têxteis, com teoria e prática. Minha pesquisa de doutorado baseia-se em uma investigação qualitativa que utiliza fontes bibliográficas, documentais, pesquisa participante e entrevistas semiestruturadas. O quadro teórico inclui autoras e autores que analisam criticamente o patriarcado, o capitalismo, o colonialismo e o hacktivismo tradicional, incorporando também conceitos do design e das lutas por justiça social e ambiental. O estudo propõe investigar coletivos de mulheres que, além de exercerem trabalhos de cuidado, atuam na preservação ambiental por meio do *upcycling* ou reutilização de resíduos têxteis através da costura, gerando renda e promovendo caminhos para a sustentabilidade. Objetiva-se compreender como essas mulheres utilizam tecnologias digitais e administram seu tempo — frequentemente fragmentado devido às responsabilidades de reprodução social —, bem como de que modo emergem, em suas comunidades, práticas dos comuns, ou seja, de compartilhamento e gestão coletiva de recursos. O patriarcado de origem colonial consolidou-se como um projeto político dominante que criou hierarquias sociais baseadas em gênero, raça e classe. Esse sistema invadiu territórios, controlou os meios de produção, escravizou populações e ainda perpetua a pobreza e a destruição em larga escala, tanto de vidas quanto do meio

ambiente. Nesse contexto, é essencial analisar as múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres no sistema capitalista/patriarcal/colonial, bem como suas estratégias de resistência, utilizando como ferramenta analítica a interseccionalidade de gênero, raça e classe (Crenshaw, 2002). Como destacado por pesquisadoras feministas, “o trabalho não pago não é extraído pela classe capitalista apenas a partir da jornada de trabalho assalariada, mas também é extraído da jornada de trabalho de milhões de trabalhadoras domésticas” (Federici, 2019). Conforme Fraser (2024, p. 30) menciona, “a divisão entre reprodução social e produção de mercadorias é estruturalmente central para o capitalismo e, de fato, um artefato do sistema”. A autora aponta que o regime econômico caracterizado pela propriedade privada, pela acumulação expansiva de capital e pela alocação via mercado de excedentes sociais e insumos — inclusive a força de trabalho “livre” — é viabilizado por quatro condições de fundo: a esfera da “reprodução social, a ecologia do planeta, o poder político e as infusões contínuas da riqueza expropriada de povos racializados” (Fraser, 2024, p. 40). Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa ancora-se no Manifesto Hacker (Wark, 2022) e no conceito de “hacking/making feminista” proposto pelo coletivo (SSL Nagbot, 2016), que critica a visão tradicional, masculinizada e branca do conceito de hackers. De acordo com o coletivo, o hacking/making feminista constitui-se como um método de investigação crítica das estruturas de gênero por meio da prática, privilegiando a inclusão, a intimidade e a ação coletiva em lugar da competição e da autonomia individual. Esse conceito ressignifica o “fazer” das manualidades historicamente direcionadas às mulheres — especialmente atividades com têxteis na produção de objetos do cotidiano, que possuem valor de uso e não de troca, produzidos no ambiente doméstico, junto ao trabalho de reprodução (Buckley, 2025). Assim, tenho a intenção de reposicionar as práticas das mulheres na costura que fazem *upcycling* de resíduos têxteis, mostrando que elas também hackeiam, apropriando-se desse conceito para evidenciar sua agência e criatividade. Com este resumo expandido, proponho alguns debates e trocas no “DDD”, os quais integram minha pesquisa de doutorado em andamento, cuja qualificação está prevista para o primeiro trimestre do próximo ano: (1) Como a tecnologia digital colabora para constituir ou reconstituir trajetórias no mundo do trabalho, considerando gênero, raça e classe? (2) Qual o papel das tecnologias digitais no empenho da visibilização e organização de movimentos sociais de grupos de mulheres? (3) Identificar se existem conceitos e métodos condizentes com os do *Hacking/Making Feminista* (SSL Nagbot, 2016), que busca reposicionar as atividades e atuações das mulheres na contemporaneidade; (4) Compreender se os(as) participantes conhecem projetos sociais ou coletivos de mulheres que trabalham com a produção de artefatos a partir do reaproveitamento de resíduos como forma de geração de renda em suas comunidades; (5) Debater como pesquisas participantes em projetos sociais com mulheres constituem-se como forma de pensamento e

práticas de design na atualidade. Diante do exposto, esta pesquisa se coloca como uma investigação em andamento e em constante diálogo. As questões aqui levantadas são um convite à reflexão coletiva. Tenho expectativa de que os debates e trocas proporcionados por este encontro “DDD”, possam enriquecer significativamente o percurso analítico deste trabalho. Do mesmo modo, espero que esta pesquisa que intersecciona campos do design, estudos feministas, mundo do trabalho, *upcyclers/hackers*, e os comuns, possam, de volta, ser úteis e servir como ferramenta para outras pesquisas e colegas que investiguem temas correlatos. Assim como, que possa contribuir como ponto de partida para colaborações futuras, e para ampliar a visibilidade e fortalecer as redes de resistência e criatividade tecidas pelas mulheres. Estou ansiosa para ouvir, aprender e, esperançosamente, poder colaborar com outras pesquisas.

Agradecimento

Ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através da concessão de bolsa de Doutorado, desde maio de 2024.

Referências

BUCKLEY, Cheryl. **Design no Patriarcado**. São Paulo: Clube do Livro de Design: Bikini Books, 2025.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 1, 2002.

FEDERICI, Silvia. Social reproduction theory History, issues and present challenges. **Radical Philosophy**, [s. l.], p. 55–57, 2019. Disponível em: www.bloomsbury.com/counterfactuals.

FRASER, Nancy. **Capitalismo Canibal: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso**. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

SSL NAGBOT. Hacking/Making: Exploring new gender horizons of possibility. **Peer Production**, [s. l.], n. 8, 2016.

WARK, Mckenzie. **Um manifesto Hacker**. São Paulo: Funilaria, 2022.